

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A galinha dos ovos de ouro negro

Por detrás do desejo do governo de proteger a estatal Petrobras se escondem intenções pouco santas e que não são capazes de esconder o verdadeiro propósito, isso apesar de tudo o que aconteceu no passado recente. O fato é que essa empresa continua na atual gestão a ser tratada apenas como uma espécie de galinha dos ovos de ouro do Executivo. Não é à toa que muitos acionistas, desconfiados das recentes ações do governo nessa companhia, já enxergam a possibilidade de, num futuro próximo, a estatal venha a sofrer, mais uma vez, prejuízos de grande monta.

Os sinais de que esse velho filme venha a ser novamente exibido estão por todos os lados e têm sido denunciados tanto pela oposição como por gente de dentro da estatal, obrigada a assistir o replay desse desastre anunciado. Para ficar apenas nas consequências desses velhos descaminhos impostos pelo governo à estatal, nos últimos dias, as ações da Petrobras derreteram no pregão do Bolsa, cerca de 6,61%, o que equivale, em dinheiro, a uma perda de mais de R\$ 32,3 bilhões em valor de mercado. Tudo isso no intervalo de menos de 24 horas.

Muitos poderiam argumentar que essa queda se deve à baixa no valor do petróleo no mercado mundial. Mas por detrás dessa flutuação, normal num mercado onde os preços são pressionados por infinitos fatores, que vão desde o mau humor de um sheik até por razões reais como guerras ou recessão, se esconde a própria governança da empresa, sujeita a pressões políticas por loteamento.

Ocorre que, antecedendo a essa queda nas ações, a empresa, por ordem de seu conselho, alterou o estatuto interno, que vetava indicações políticas na alta administração da estatal. Já anteriormente, o próprio governo cuidou de alterar a Lei das Estatais para indicar gente do partido para a direção de muitas empresas públicas. Dali para alterar o Estatuto da Petrobras, foi um pulo.

A proteção dada pelo Estatuto, contra interferências político-partidárias, foi quebrada ao meio. Com essa manobra, três novos nomes indicados pelo governo assumiram a administração de setores internos da petrolífera. Outra providência desastrosa foi a criação de mecanismos para dificultar a distribuição de dividendos aos acionistas, projeto também de interesse do atual governo.

O mercado sentiu os sinais de maus augúrios dessas decisões e, logo a logo, a notícia ruim se espalhou pelo mercado. Mesmo o setor bancário acendeu os sinais de alerta sobre a possibilidade de voltar a um passado desagradável. Não bastassem esses movimentos desastrosos ao futuro da estatal, notícias que correm no mercado dão conta de que o governo estaria articulando tratativas com a própria empresa, de modo a empresa pague parte do passivo de processos que possui no Conselho de Administração de Recursos Fiscais (Carf), no valor de R\$ 30 bilhões. Com isso, o atual governo encontraria um jeitinho para tapar o rombo fiscal deste ano, mesmo sacrificando, mais uma vez, a sua galinha dos ovos de ouro.

» A frase que foi pronunciada

“A Petrobras não é apenas uma empresa. Ela é uma nação. Um conceito. Uma bandeira. E por isso, seu valor é tão grande, incomensurável, insubstituível. Essa é a crença que impulsiona os que a defendem.”

Mauro Santayana

Homenagem

» Está prestes a ser inaugurado o Espaço Cultural Professora Neusa França. Neusa é a autora do *Hino à Brasília*. A iniciativa é da secretária de Educação do DF, professora Hélivia Paranaguá Fraga. Dia 27, às 19h, no Shopping ID, 1º subsolo. Falta só um piano no local. À boca miúda, corre o comentário que Paulo Octávio, o aluno mais ilustre de Neusa, poderia doar o instrumento.

Levantada

» Com o raciocínio rápido de uma jogadora de vôlei, a senadora Leila Barros mal esperou o senador Fabiano Contarato entrar na comissão, pediu para que ele desse uma respirada e começasse a leitura do relatório que dispunha sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária.

Brincadeira

» Na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, corria a apreciação do Senado Federal para o nome de José Afrânio Vilela, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, para exercer o cargo de ministro do Superior Tribunal de Justiça, na vaga do falecido ministro Paulo de Tarso Vieira Sanseverino. Se era uma brincadeira politicamente correta ou não, ninguém deu importância. A verdade é que, quando o senador Jorge Seif perguntou se o Dr. José Afrânio veio da cota dos brancos, todos levaram na brincadeira.

Novidade

» Senador Jorge Kajuru, senadora Tereza Cristina e o Eduardo Gomes voltaram de uma audiência com a ministra Margareth Menezes com a novidade de que o músico Ivan Lins, Sá e Guarabyra, Chico Buarque e tantos outros nomes da música popular brasileira vão representar o Brasil em um festival mundial de música com 30 países já no ano que vem. Na verdade, essa história começou num jantar onde estavam presentes o senador Eduardo Gomes, a senadora Leila, Kajuru e Ivan Lins.

» História de Brasília

Com esta medida, a Justiça recebe o apoio de toda a cidade, e, particularmente, do comércio de Brasília. A valorização do uso de cheque tem que ser defendida, e a sua moralização é necessária. (Publicada em 24/3/1962)

Eixão: nem uma morte a mais

» FREDERICO DE HOLANDA

PhD em arquitetura e professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Quem disse que a história não se repete? Sim, repete-se, não como farsa, mas como perversidade crescente ante eventos anteriores — pois perversa é a morte de mais um pedestre no Eixo Rodoviário de Brasília, codinome Eixão da Morte. Por que não cai a ficha entre os detentores do poder de mudar as coisas em Brasília? Isto é, mudar o que é ruim e cuja manutenção agride o bom senso. Não. Não só. Mata. Escusa-do repetir que Brasília é das maiores — ou a maior, sem favor — realização da arquitetura moderna na escala da cidade, no mundo. Ninguém lhe tirará esse crédito.

Mas não o é pelo fato de ter uma via assassina, em sua feição atual. Como tem. As mortes no Eixão (da Morte) podem ser colocadas na conta do uso de um de seus elementos estruturais. Friso: uso, não configuração. Transformações urbanas nem sempre soam ser morfológicas, nem sempre implicam interferir na forma da cidade, na sua materialidade física, na sua sintaxe. No caso, a mudança é semântica — com licença do uso de palavra tão controversa. Semântica, no caso, são normas que se superpõem à forma, regras de uso e apropriação que não referem a fisicalidade do lugar. Por favor, não toquem na materialidade do Eixão!

Consagrou-se que Brasília é constituída por quatro “escalas”, na verdade, partes da cidade com personalidade distintiva, como Lucio Costa a concebeu: a residencial, a monumental, a gregária e a bucólica. Pois o Eixo Rodoviário é um dos dois elementos estruturadores que conferem coesão a essas partes — o outro é o

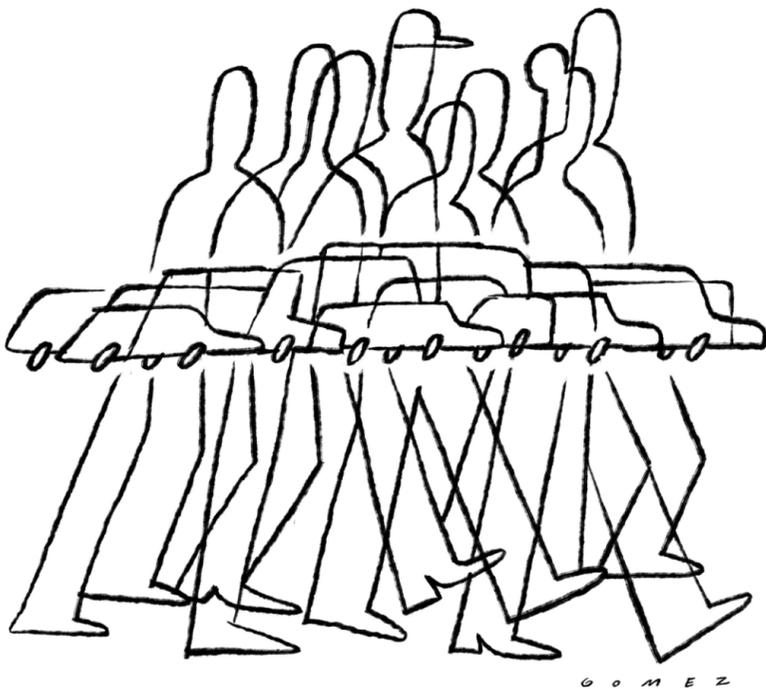
Eixo Monumental. Os dois “eixos” (e aquelas escalas — ou bairros) contribuem para a imagem da cidade que formamos em nossa cabeça, eles são uma bússola pela qual navegamos a urbe — por seu comprimento, sua largura, e, no caso do Eixão, a suave curva que indica estarmos próximos ao coração da metrópole. Carros a 80 km por hora (somente no ponto dos radares!), em fluxo ininterrupto por 12,4km, são outra coisa, não têm a ver com o papel que a configuração do lugar representa. São uma forma brutal de sua apropriação.

As pessoas que cruzam o Eixão da Morte na superfície não são suicidas — como querem fazer crer os mais entusiasmados defensores do status quo (“irresponsáveis” é o mínimo que admitem). As trabalhadoras e os trabalhadores desprovidos dessas máquinas, aqui, mortíferas, sabem o risco de enfrentá-las. E assim mesmo o fazem. Se um fenômeno é recorrente — como a tragédia que ora se repetiu — urge perguntar de sua lógica, incluindo, necessariamente, a natureza do lugar onde ocorrem.

A pressa ou o conforto para minimizar distâncias regem as formas mais naturais de usar a cidade — que tem de responder amigavelmente. Daí, não usar as incômodas, demasiadamente espaçadas, infectas, perigosas (por outras razões) passagens subterrâneas, e arriscar-se na superfície. Pois que se trate essa superfície! Que se refreie a sanha de sua apropriação (quase) exclusiva pelos bólidos, mediante semáforos, passagens de pedestres em nível, canteiro central, e se a priorize aos caminhantes.

Os defensores da situação atual também arguem o tombamento da cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade — transformar, ainda que semanticamente, o Eixo Rodoviário seria ferir aquele estatuto. Novo equívoco. Brasília é tombada por sua magnífica configuração, não pelos padrões de uso dos seus espaços. Decerto a capital foi concebida à luz do “rodoviário” imperante nos anos de 1950: o grande impulso aos carros como mobilidade importante da cidade, calcado na indústria automobilística nascente no Brasil de então. Contudo, alçar esse tipo de mobilidade à condição de um de seus traços essenciais é mais que um erro: é ignorar a contribuição central de Lucio Costa ao remarcado contra a corrente funcionalista da arquitetura moderna, reinserindo a monumentalidade na escala da cidade, conferindo a Brasília a enorme força simbólica que tem — como, aliás, nenhuma outra proposta do Concurso do Plano Piloto de Brasília, do qual foi o vencedor, teria alcançado.

Quase 12 anos atrás, em 6 de dezembro de 2011, publiquei um artigo neste *Correio Braziliense* intitulado *O rei está nu!* sobre o mesmo tema. No dia seguinte, Conceição Freitas repercutiu o artigo e escreveu ao final: “Será que nos anos 2020 o Eixão continuará matando brasilienses sem que ninguém com suficiente coragem e determinação tenha feito algo para romper esse ciclo de tragédias? É bem provável que sim”. Estamos em 2023. Além da excelente jornalista que é, apaixonada (como eu) pela cidade, Conceição revelou-se tristemente profeta: sim senhor, a resposta é “sim!”.



Dificuldade no diagnóstico da DOT

» ALLAN C. PIERONI GONÇALVES

Oftalmologista e professor de pós-graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP)

A jornada médica é um aprendizado diário. Um caminho cheio de desafios e inovações que nos move rumo ao diagnóstico certo e ao objetivo de salvar vidas e promover bem-estar às pessoas. Para isso, a atualização constante se faz necessária para a identificação precoce de qualquer e toda condição, com intuito de que seja estabelecido um cuidado adequado para a doença, controlando, assim, os sintomas e o avanço do quadro. Mas, infelizmente, é comum nos depararmos com casos em que a confirmação do diagnóstico levou anos ou até mesmo situações em que a conclusão médica estava incorreta, principalmente quando se trata de uma doença pouco comum.

O cenário pode ser ainda mais desafiador quando a doença apresenta variados sinais e sintomas e até compromete órgãos diferentes, necessitando de tratamentos distintos e independentes. Esse é o caso da orbitopatia distíroideiana ou doença ocular relacionada à tireoide (DOT). Trata-se de uma doença rara das órbitas na qual o organismo começa a atacar as próprias células ao redor dos olhos, causando inflamação, crescimento de gordura e inchaço dos músculos extraoculares. Os principais sintomas são dor, vermelhidão, sensibilidade à luz, exoftalmo (olhos saltados) e diplopia (visão dupla), e, dependendo da gravidade, podem levar à cegueira.

Como o próprio nome diz, é uma doença ocular que está associada a uma doença da tireoide, pois têm uma origem autoimune em comum — isto é, o organismo geralmente

ataca a tireoide e os olhos simultaneamente. Comumente o quadro clínico é de hipertireoidismo (doença de Graves), porém pacientes com hipotireoidismo e até sem disfunção tireoidiana podem ter a DOT. Essas diferentes combinações dificultam o diagnóstico precoce e a busca pela ajuda necessária.

Outro fator de confusão é acreditar que o tratamento de um órgão vai necessariamente curar o outro, o que não ocorre. Apesar de ter uma fonte autoimune em comum, as afecções dos olhos e da tireoide têm cursos de certa forma independentes e, assim, necessitam de tratamentos específicos para os diferentes sinais e sintomas.

É importante essas características da doença também serem de conhecimento por parte da classe médica, a fim de orientar e encaminhar os pacientes para o cuidado adequado. Com esse propósito, destaco algumas porcentagens referentes a DOT: 20% das pessoas podem apresentar sintomas oculares antes de apresentarem disfunções tireoidianas detectáveis; 40% dos pacientes diagnosticam a doença ocular da tireoide concomitantemente com a disfunção tireoidiana, e os outros 40% apresentam a DOT depois do diagnóstico da disfunção tireoidiana. Com isso, é possível perceber que, embora as doenças estejam relacionadas, elas têm diferentes atuações, o que não permite que sejam administradas da mesma forma.

As mulheres são as mais afetadas pela doença, ainda que a forma mais grave da DOT aconteça com mais frequência em

homens idosos e em tabagistas. O diagnóstico é feito por meio de um exame detalhado com médico oftalmologista especialista em cirurgia plástica ocular, sendo possível complementar a investigação com a realização de exames de sangue da função tireoidiana e de imagem (tomografia computadorizada ou ressonância magnética). Com isso, o tratamento dependerá do estágio e dos tipos de sinais e sintomas que cada indivíduo apresenta.

Estar munido de informação é essencial para evitar diagnósticos errados e, mais do que isso, impedir consequências graves. A DOT pode comprometer tanto a estética como a funcionalidade dos olhos, provocando significativo impacto psicossocial — em média, 42% das pessoas com doença ocular da tireoide têm ansiedade e/ou depressão. Portanto, o tratamento adequado, precoce e multidisciplinar dessa condição é fundamental para garantir o bem-estar dos indivíduos, trazendo mais estabilidade dos sintomas e, claramente, reduzindo os efeitos emocionais e psicológicos.

Ser médico vai muito além de conquistar o diploma, é estudar constantemente para se atualizar e buscar informações que destaquem as doenças, principalmente as raras, de forma segura sobre quais são seus sinais e sintomas e sobre como devem ser cuidadas. É apenas com a conscientização que conseguiremos levar mais qualidade de vida a todos os pacientes — em especial, àqueles que são minoria em meio a tantas doenças existentes nesse mundo.